
A prática pedagógica: protagonista, inovadora e transformadora

HENRIQUE CORRÊA LOPES*

LEONARDO GUEDES HENN**

Resumo

As dificuldades pedagógicas encontradas no contexto educacional têm como seu ponto inicial o lar, juntamente com a base familiar e sua continuação no ambiente escolar. O crescimento da crítica sobre os programas de formação docente com a finalidade de analisar as consequências da deficiência das práticas pedagógicas de ensino para a formação humana, tanto por parte do professor que é encarregado da formação, do ensino e da aprendizagem, bem como, da indicação das práticas estabelecidas na área educacional e sociopedagógica, e do aluno implicado na inserção de ativo não somente em sala de aula, mas na sociedade, desenvolvendo desta maneira uma pedagogia baseada nas metodologias ativas e no protagonismo do aluno. A pesquisa bibliográfica baseou-se nos referenciais de Freire (1996), Romanowski (2012) e Kramer (2001). Dessa forma, concluiu-se que para uma elaboração de uma metodologia ativa e inovadora, o professor deve aplicar uma desconstrução de suas práticas pedagógicas. As transformações do processo educativo estão baseadas na dependência do professor, sendo ele o sujeito da inovação e do funcionamento como mediador do desenvolvimento, aperfeiçoamento e aprimoramento de práticas educacionais como um desafio continuado. Todavia, para que ocorra a inovação no sistema educacional, é necessário que o professor perceba a necessidade de inovar-se e aplicar a si mesmo uma nova construção, com novas oportunidades de elaboração, estudo e pesquisa.

Palavras-chave: educação; formação; pedagogia.

* Aluno do Mestrado Acadêmico em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – UFN, Santa Maria – RS, bolsista PROSUC CAPES. Professor de História e de Ensino Religioso da rede pública estadual. E-mail: henriquecorrealopes@gmail.com

** Orientador. Doutor em História, docente do curso de História e Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana - UFN, Santa Maria, RS. E-mail: lghenn@gmail.com

1 Introdução

Assim como as necessidades diárias do homem em seu dia a dia, e principalmente no seu trabalho, a educação tem passado por modificações no decorrer do tempo, para tanto, as práticas pedagógicas foram criadas como estratégias para serem usadas como parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem.

Essas práticas têm como função, proporcionar ao aluno o desenvolvimento de habilidades e competências para que possam compreender com o passar do tempo, o conhecimento adquirindo durante a vida.

Como preocupação com o ensino e a educação é criado no Brasil em 1930 o Ministério da Educação e Saúde Pública^{***}, órgão federal que administrava de forma direta as políticas educacionais no país, representando um momento de valorização da educação a partir deste período.

Na constituição de 1934 idealizadora por “*dar*” o direito à educação para todos, com a influência da família tradicional, formada pelo pai, a mãe e os filhos, a escola passa a ser considerada um prolongamento da educação familiar e, portanto, servindo de aperfeiçoamento educacional e formadora do novo cidadão.

A Constituição de 1937 retroage um pouco os níveis de educação no país, separando os ricos dos pobres, onde o primeiro após a formação básica (primário e ginásio) estava destinado ao curso superior que fosse escolhido, na maioria dos casos, pelos próprios pais. Já para o pobre cabia após a conclusão do ensino primário a escolha de um ensino profissionalizante.

A partir da década de 50, o país passa pelo período de industrialização, com a modernização chega também à necessidade

^{***} De acordo com o portal do MEC, a instituição desenvolvia atividades pertinentes a vários ministérios, como saúde, esporte, educação e meio ambiente. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/97-conhecaomec-1447013193/omec-1749236901/2-historia>.

de especialização da mão de obra, a evasão rural para a urbana, a necessidade de profissionalização do homem, faz com que a educação popular cresça e desenvolva novos cursos técnicos e profissionalizantes, exigindo do país, uma reformulação do ensino, baseando-se na cultura americana e em sua economia.

Havendo a necessidade de priorizar a educação brasileira, em 1953 é criado o Ministério da Educação e Cultura (MEC) como é conhecido até hoje, sendo responsável pela elaboração e execução da política nacional de educação em todos os níveis educacionais.

Mas como trabalhar em educação, qual a melhor forma para ensinar em um país de várias dimensões e dificuldades. Segundo Werneck (1995, p. 61) “Educar é difícil, é trabalhoso, exige dedicação, sobretudo aos que mais necessitam. Transferir problemas é fugir da verdadeira educação”.

Práticas que são constantemente questionadas e como enfatiza Barbosa (1994) desde a década de 90, que tanto a escola e a pedagogia devem repensar as suas práticas, por um novo país e por um referencial de novas descobertas das investigações na área da leitura e escrita.

Certamente não será com prédios, aparelhos de tevê, kits multimídia ou novas alternativas metodológicas de ensino que se conseguirá superar as marcas do analfabetismo, os tijolos, o coração e o cérebro de nossas ações escolares foram, são e continuarão a ser os professores e as professoras que ano após ano convivem com crianças, jovens e adultos nas escolas concretas existentes nas esquinas das cidades, nas fazendas do campo, nos bairros pobres e sofridos das periferias. (KRAMER, 2001, p. 15)

Para isso o professor passa por diversas etapas no decorrer de sua docência, que desenvolve constantemente novas práticas educacionais necessárias para que esse torne suas aulas atrativas e dinâmicas.

Nesse ponto começam a ser colocadas em prática as qualidades emocionais e as questões de relacionamento pessoais e interpessoais, as quais são imprescindíveis para o desenvolvimento de um trabalho correto e que propicie uma qualidade formativa adequada, um sinal de paciência e dedicação.

A maioria dos professores considera muito importante gostar do que faz, ou seja, além do conhecimento, sabemos que essa profissão envolve sentimentos. Além disso, a educação como prática social incorpora significado social para essa profissão. Implica compromisso, cientificidade, coletividade, competência e comunicabilidade. Torna-se inadmissível realizarmos o ensino mecanicamente. (ROMANOWSKI, 2012, p. 19)

2 Metodologia

Esse é um trabalho de forma contínua, em curso e de natureza interdisciplinar, de abordagem qualitativa, com procedimentos técnicos de uma pesquisa bibliográfica com ênfase na análise de conteúdos de que aborda o ensino e suas práticas, e que desenvolvem um trabalho sobre a formação de professores e suas práticas pedagógicas. Envolvendo dessa forma nessa pesquisa, algumas metodologias de ensino, além de questões de cunho motivacional e emocional que cercam e fazem parte também da profissão docente.

Os professores têm ideias, hipóteses, princípios explicativos e conhecimentos (baseados na sua experiência de vida e na sua trajetória como aluno e profissional) que, quando revelados, podem oferecer importantes pistas e subsídios na busca de novos modos de ação junto a eles. (REGO, 2004, p. 117)

3 A formação docente

Em alguns momentos, as informações eram passadas aos alunos, de uma forma mais resumida, sendo necessário decorar o que estava sendo lido e posteriormente, uma prova de avaliação era aplicada, mas o professor realmente sabia e conhecia o que estava transmitindo ao aluno? Ele sabia ou conhecia? E o aluno estava absorvendo de que maneira essa grande forma de conhecimento? – são questionamentos que fazem parte de uma pedagogia que se modifica conforme a necessidade ou um olhar mais atento às dificuldades que cada um carrega consigo.

Não basta o professor ter o domínio do conteúdo a ser exposto em sala de aula. O diálogo só acontece quando professor e aluno têm algo a dizer sobre um assunto comum, ou seja, o tema de aula. Se o aluno desconhece totalmente o tema a ser trabalhado, não só não pode se preparar para a aula, como fica impedido de dizer uma palavra sobre o assunto. (CAIMI, 2004, p. 144.)

A perspectiva pedagógica surge com vários métodos, a educação tradicional, com a aplicação de um currículo e material didático limitado, de memorização e com base na autoridade do professor.

A pedagogia tecnicista, para suprir as necessidades do mercado, ou seja, da indústria e do comércio, com passividade com os alunos, servindo apenas de instrução e não de ensino.

A pedagogia histórico-crítica, que envolve todo o conhecimento carregado pelo homem, sua indagação sobre a sua realidade, a coerência enquanto educador, voltado para a formação do mundo, com o olhar crítico, e o sonho que ainda tudo é possível. “Cada disciplina formula seus objetivos no intuito de contribuir para uma formação intelectual e cultural que desenvolva o espírito crítico e capacidades diversas de comparação, dedução, criatividade,

argumentação, lógica e habilidades técnicas entre outras” (BITTENCOURT, 2004, p. 41).

A preocupação com o meio ambiente, o surgimento da ética, a superação, a dúvida e a necessidade de gerar todo o conhecimento possível, pactua atualmente com a preocupação e a construção dos sentidos, e dos percursos pessoais.

O processo de comunicação caracterizado pela transmissão do saber e pela recepção da informação e do conhecimento, passivo considerando os direitos do outro, assertivo em busca do próprio equilíbrio, mesmo que enfrente as dificuldades como docente, de uma instituição tradicional.

Problemas de estrutura física e de pessoal, bem como as dificuldades normais em aquisição e escolha de materiais didáticos, formação profissional, qualificação e atualização de metodologias que consigam abranger a todos os indivíduos, e não o grupo como era feito em anos anteriores, pois o mundo atual exige a capacitação individual com talentos e valores que possam ultrapassar os obstáculos do trabalho, sua autoestima, criatividade e a capacidade empreendedora.

A efervescência social e política nos anos 1970 e 1980 favoreceu mudanças substantivas no campo da formação docente, que se explicitaram sobretudo a partir dos anos 1990. Nesse contexto, o debate educacional brasileiro passou a incorporar as concepções advindas das racionalidades prática e crítica, inspirando e delineando novos projetos de formação de professores. (FONSECA, 2007, p. 39).

A qualificação serve para estar sendo incluído em novas formas de ensino ou na transmissão de conhecimento de novas metodologias que podem ser propostas e praticadas, facilitando assim um melhor aproveitamento do que está sendo estudado, e talvez quando for colocado por esse educando em uso na sua turma essa nova qualificação pode e será ampliada e feita uma nova

adequação criando assim a rotatividade de novas metodologias de ensino.

A reconstrução seria uma nova etapa que surge onde o educando muda toda a sua forma de transmitir os conhecimentos básicos e suas versões metodológicas carregadas por antigos conceitos que tornaram-se obsoletos para a época, nesse caso pode ser originada pelo próprio arbítrio do educando ou pela influência de novas bases metodológicas, influências pedagógicas ou literárias que alteram o pensamento do educador.

Sua pesquisa somente toma fôlego renovado por alunos que avançam em dúvidas e questionamentos que alguns professores têm dificuldade de alcançar, são essas dúvidas conseguidas pelo acaso ou por informações que envolvem pessoas e grupos simples, mas que de fato podem contribuir para uma pesquisa mais profunda e um processo investigativo.

Será uma nova questão para debate sobre nosso mundo cada vez mais voltado para o trabalho, para a sobrevivência profissional e pessoal, a qualificação está cada vez se sobrepondo a itens como o conhecimento e a própria vida pessoal, destacando-se neste ponto, ideais como a construção e sustentação do meio familiar, e nossa história localizada, regional, estrutural ou formativa.

Muitos são os estudos sobre o chamado fracasso escolar no Brasil que apontam a inadequação da escola: professores e equipes com frequência não sabem como lidar com diferentes culturas, valores, classes sociais, práticas, hábitos e linguagens, tendo enorme dificuldade de ensinar crianças que provêm das famílias pobres, com pouco acesso a contextos, produtos e materiais escritos. Esses conflitos pedagógicos, os baixos salários e as condições precárias de trabalho historicamente vêm contribuindo para gerar o fracasso escolar e suas consequências sociais e educacionais. (KRAMER, 2001, p. 153)

4 A relação professor e aluno

O aluno e o professor têm que obter por espontaneidade a curiosidade que deve ser crítica e metódica ao mesmo tempo, tornando ambos estimulados a crescerem, pesquisarem e modificarem opiniões, aumentando assim a dinâmica no estudo e melhorando o conhecimento.

Cita-se dinâmica de estudo, e não, dinâmica de aula, pois esse pode ser um método que além de tornar uma aula cansativa um desgaste ainda maior para o aluno, dessa forma, perguntas e questionamentos são levados para a turma em geral, mas poucos têm o desejo em responder, ora por conhecer e ter estudado sobre o tema em questão, ora por não ter assimilado e ter vergonha ou timidez em responder e até mesmo em notificar o docente que não compreendeu o tema em questão, ocasionando dessa forma uma maior intervenção do docente.

O homem é a peça fundamental para o conhecimento, ele obtém a informação, a leitura, o interesse, o aprendizado e o saber, juntando tudo isso ele torna-se a máquina perfeita, pois em um mundo cada vez mais globalizado e capitalista, consegue com tudo isso, gerar um conhecimento novo a cada instante; sendo esse o maior poder que um homem pode ter.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 1996, p. 23)

A realidade da formação e qualificação, saber distinguir a teoria e a prática, sair do ícone de que cada docente é o problema.

Utilizar dos saberes pedagógicos para aumentar a dimensão da formação de suas turmas, ampliando com os canais do diálogo entre a realidade vivida e a interpretada, utilizando para isso os instrumentos mediadores, auxiliares na informação para a transformação de um novo conhecimento, podendo em alguns casos gerar outra conclusão, propostas e discussões.

Um bom docente deve mostrar a empatia das competências interpessoais o que possibilita um relacionamento sociável, compreensível, envolvendo as habilidades de comunicação, a cooperação e o seu desenvolvimento, que Rego (2004) comenta sobre do ponto de vista vygotkiana, o desenvolvimento humano se caracteriza pelas trocas recíprocas, que são estabelecidas durante toda a vida do indivíduo e com a sua interação com o meio.

Tornando o relacionamento humano mais flexível o que romperia com os padrões mentais já estabelecidos adaptando-se a diferentes situações do ambiente, fortalecendo o indivíduo, seja pelo seu agir ou pensar, pela formação de seu caráter, pela criação de suas concepções e por sua socialização.

A educação é responsável pela socialização, ou seja, a possibilidade de convívio, com qualidade, de uma pessoa na sociedade; a socialização viabiliza, portanto, com um caráter cultural acentuado, a integração do indivíduo com o meio. A ação pedagógica conduz o indivíduo para a vida em sociedade, produzindo cultura e usufruindo dela. (MINETTO, 2008, p. 17-18)

Essa é uma difícil decisão para o aluno, ainda deficiente de uma decisão própria e segura, a influência do seu dia a dia e de sua família tem um peso muito grande nesse momento, é importante lembrar que a memória quando utilizada ou ativada é uma ferramenta importante e decisiva em muitos momentos, para o aluno também não foge à regra.

Os alunos (no plural) são pessoas que têm histórias de vida diferentes, culturas e valores diversos. Por isso, não são mais

considerados no singular, meras “tabulas rasas”. Seus conhecimentos prévios, seus interesses, suas motivações, seus comportamentos e suas habilidades são importantes contribuições não apenas como ponto de partida, mas como componentes de todo o processo educativo. Como sujeitos, os alunos não apenas contribuem, mas participam, negociam, constroem, interagem ativamente com os outros alunos, os professores e o conhecimento. (FONSECA, 2006, p. 103).

O aluno sempre irá lembrar como esse ou aquele professor lhe ensinava como era a estrutura da escola onde frequentava, sua biblioteca, sua evolução durante aquele período, todas essas lembranças são colocadas em uma balança quando esse aluno for refletir no que fará pela frente.

O material que era utilizado em sala de aula seja didático, oral, visual, e até mesmo a forma em que o professor lecionava, sua motivação, sua espontaneidade e lógico, o seu conhecimento tem grande influência na vontade do aluno.

Certa pobreza teórico-metodológica indica, além da incipiente tradição acadêmica nesta área, uma característica marcante no campo da pesquisa educacional, que é a da preocupação com a possível aplicabilidade de estudos sobre o ensino na solução de problemas concretos da educação atual (FONSECA, 2006, p. 32).

E cabe também ao aluno cobrar, pois ele sabe quando o que está sendo ensinado é motivador, que está atendendo ao atual conceito da era do conhecimento, desenvolvendo sua inteligência e uma linguagem proativa, pois o aprendizado só enriquece quando for utilizado, expandindo a sua inteligência e o melhor estímulo é a educação e as experiências pelo homem adquirido, logicamente dependendo do estímulo e do interesse pessoal a esse tipo de conhecimento recebido que será dedicado.

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteli-

gibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível portanto que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de "amaciá-la" ou "domesticá-la". É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de achar e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso por outro lado e, sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor. (FREIRE, 1996, p. 78)

Nunca esquecendo que o principal meio de adquirir o conhecimento básico é através da leitura, é esse pequeno detalhe que também faz com que o aluno esbarre nesse obstáculo.

Pois o trabalho exige muito do corpo, seja braçal ou intelectual, tornando o indivíduo passível de cansaço, stress e esforços repetitivos, entre outros fatores. E financeiramente, pois exige dependendo da escolha que esse aluno fizer no fim de um período na sua vida de absorção do conhecimento básico, pois acredita-se que o conhecimento seja ilimitado e constante.

O homem é um ser social e histórico e é a satisfação de suas necessidades que o leva a trabalhar e transformar a natureza, estabelecer relações com seus semelhantes, produzir conhecimentos, construir a sociedade e fazer a história. É entendido assim como um ser em permanente construção, que vai se constituindo no espaço social e no tempo histórico. (REGO, 2004, p. 96-97)

As dificuldades de raciocínio afligem não só o educando como também o educador, pois o mundo e, por conseguinte a vida continua em passos cada vez mais acelerados, seu cotidiano passa a ser cada vez mais fechado, ou seja, seu tempo é curto para uma demanda que está cada vez maior.

As várias obrigações profissionais estão cada vez se sobrepondo as pessoais e por conseguinte em alguns casos também sobre a sua própria qualificação, que é um método necessário para que

a sua profissão seja valorizada mesmo que com isso a sua vida particular sofra mais um revés, o que ocorre com maior intensidade no ensino médio com o grande número de alunos que por esses motivos não conseguem entrar no meio acadêmico.

Tais dificuldades podem ser questionadas, pois suas forças estão ligadas a testes, provas, tempo e propriamente ao currículo escolar as quais influenciam de várias maneiras o aluno, dependendo da sua característica pode motivar ou desestabilizar seu raciocínio.

O professor precisa melhorar sua capacidade de auto-organização para conectar-se, de um modo mais efetivo, com outros coletivos. Essa é uma premissa básica na escola, a sua organização, assim como sua interação com os alunos, conhecendo-os, instigando-os e interagindo de forma mais dinâmica e positiva e não apenas educá-los.

Como educar não significa apenas transmitir o legado cultural às novas gerações, mas também ajudar o aluno a aprender o aprender, despertar vocações, proporcionar condições para que cada um alcance o máximo de sua potencialidade e, finalmente, permitir que cada um conheça suas finalidades e tenha competências para mobilizar meios para concretizá-las, chega-se ao sentido estrutural da questão: o que significa educar. (ANTUNES, 2007, p. 45)

Se deve ocorrer a democratização do conhecimento, deve-se também sair do ensino engessado, tradicional e mecânico, deixando o ambiente escolar mais leve, verificando, conhecendo e trabalhando com as dificuldades individuais do aluno e não o seu coletivo, e não punindo aqueles que têm dificuldades, como a falta de motivação, a falta de material adequado para estudo e até mesmo o acompanhamento familiar, mas trabalhando com uma pedagogia relacional.

Nesta pedagogia a aprendizagem em uma prática relacional pode estar relacionada ao desenvolvimento não somente do prévio

conhecimento do aluno, mas excepcionalmente de uma grande interação e da integração entre todos os sujeitos deste ciclo educacional, não baseado somente no esforço destes sujeitos em resolver uma questão com base na sua ação de aprovação ou reprovação, como se um simples “x” fosse o divisor do futuro de alguém, neste caso, do aluno.

Um currículo construído com base, na localização onde a escola está inserida, suas dificuldades e carências, fortalecendo-a nesse meio social, trabalhando de forma contundente na ação educativa com a utilização das metodologias ativas.

As metodologias ativas estão comumente relacionadas a uma problematização, ou estratégia de ensino-aprendizagem, seja para motivar o docente, que em alguns casos pode estar já acostumado à sua rotina e neste caso, necessita de um novo desafio ou para o aluno, que pode perceber nessa metodologia uma oportunidade para aperfeiçoar seu próprio desenvolvimento educacional e futuramente o profissional.

5 Considerações finais

Novas metodologias podem trazer pequenas restrições por parte de docentes com muito tempo de ensino que encontram dificuldades em trabalhar com pedagogias novas e mais eficazes. Isso pode atrasar o início de uma nova estrutura pedagógica, não focando o novo mais sim o diferente, ações e reações são típicas do homem, é o que lhe difere dos demais seres, portanto algo novo pode causar intranquilidade e uma inevitável barreira.

Essa normal barreira pode ser causa por um sistema de autoavaliação interpessoal, aquela em que se baseiam na capacidade de perceber distinções entre os outros, principalmente a itens ligados a emoção (temperamentos, intenções e motivações),

características de alguns docentes, que por muitos é conhecida como inteligência emocional.

Para que a educação atinja a finalidade para qual está destinada, algumas ações devem ser lembradas, ou seja, aquelas que atingem o principal sujeito, o educador, complexo por finalidade, mas como qualquer ser humano passível as dificuldades diárias, sua vida pessoal, seu desgaste diário, seja físico ou mental, sobrecarga, sua motivação, suas relações intrapessoal e interpessoal, o material didático utilizado, que cumpra com suas obrigações com todas as classes sociais, sabendo que dentro de uma sala de aula o ensino é o mesmo, mas extraclasse atingem níveis bem diferentes de acesso a essa informação.

Uma infraestrutura ideal e um diálogo fluente entre o docente e o aluno, pois um é o reflexo do outro, ambos sentem as necessidades e dificuldades que cada um presencia em sala.

Cabe a esse formador educador, buscar novas metodologias, qualificar-se, transformar as dificuldades individuais e coletivas em novas formas de ensino, não insistir em uma educação de memorização, antiga, mas presente ainda em muitas salas de aula, incitar a um diálogo constante, renovando sempre o ciclo do ser, fazer e ter.

Mas que para alguns docentes atinge uma nova barreira, a do intrapessoal, voltada para os aspectos individuais, tendo a capacidade de discriminar as ideias e emoções de outros, ou seja, muitas vezes esquece de sua perspectiva intelectual e cognitiva e até mesmo do porquê de sua formação.

As transformações que podem ocorrer em uma escola dependem exclusivamente do professor, essa escola que é uma instituição da sociedade, e portanto, precisa construir-se constantemente pois está inserida em uma localidade social e cultural, e o professor é o sujeito dessa inovação.

O professor não é mais o centro da transmissão do conhecimento, mas sim, o mediador, capaz de lidar com a crítica e a cria-

tividade, de interagir com a escola e com os alunos, de inovar, de aprender e mostrar novas habilidades, sendo o protagonista final da construção de uma prática pedagógica relacional.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. *Professores e professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.
- BARBOSA, J. J. *Alfabetização e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1994
- BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. Lei nº 9.934, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União*, Poder Legislativo, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez.
- CAIMI, F. *Formação de professores, um diálogo entre a teoria e a prática*. Passo Fundo: Editora Universitária, 2004.
- FONSECA, T. N. L. *História & Ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KRAMER, S. *Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- MINETTO, M. F. *Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio*. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2008.
- REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ROMANOWSKI, J. P. *Formação e profissionalização docente*. Curitiba: Intersaberes, 2012.
- SILVA, M. ; FONSECA, S. G. *Ensinar História no Século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: Papirus, 2007.
- WERNECK, H. *Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

